

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

Atena  
Editora  
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**  
Editora  
Ano 2023



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina  
 sProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 aProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Paulo José da Costa

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
D631	Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401">https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401</a>  1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título.  CDD 150.195
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do



referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

**SUMÁRIO****SUMÁRIO ..... 5****CAPÍTULO 1 ..... 1**

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR


Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2 ..... 10**

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE


Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3 ..... 31**

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA


Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4 ..... 48**


NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5 ..... 65**

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO

Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6 ..... 85**

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS


Carlos Henrique Barbosa Vieira






Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7 ..... 108**

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>125</b>
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018">https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018</a>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>143</b>
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019">https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>156</b>
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110</a>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>172</b>
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>187</b>
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112</a>	
<b>SOBRE OS AUTORES .....</b>	<b>205</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>208</b>

# DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA

*Data de aceite: 11/11/2022*

### **Michelle Cintya Bacini**

Universidade Estadual de Maringá  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6658105629311902>

### **Paulo José da Costa**

Programa de Pós-graduação em  
Psicologia, Universidade Estadual de  
Maringá  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6147-7791>

“Quando o amor é por demais simbiótico, asfixiante, cabe fazer uma metáfora com o sol, que ilumina e cria, no entanto o sol quando em excesso, ao invés de criar, seca!” (ZIMERMAN, 2004, p. 397).

## **INTRODUÇÃO**

Estudar sobre os vínculos que unem uma mãe a seu bebê é entrar necessariamente em território de intensas ambivalências no que diz respeito aos afetos, pois para que o desenvolvimento emocional possa acontecer é necessário

tanto a vivência do amor que liga e integra, quanto as separações, que muitas vezes podem vir acompanhadas de ódio, disparador do processo de separação e busca de uma identidade própria por parte da criança, assim como a recuperação da mulher na mãe, por parte da mãe.

De acordo com Winnicott (1983), a qualidade do vínculo entre a mãe e sua filha, ou filho, desde as primeiras experiências relacionais, é fundamental para o desenvolvimento posterior do indivíduo. Segundo esse autor, existe uma evolução no desenvolvimento infantil, que se inicia com a dependência absoluta, onde o bebê depende totalmente dos cuidados maternantes, passando pela dependência relativa. As ausências e falhas da mãe vão se impondo, à medida em que a mãe vai se voltando para outras áreas da vida além do bebê, levando a criança a recorrer gradativamente à área transicional, para mitigar a dor da separação e, nesse processo, vai desenvolvendo seus recursos

egóicos, caminhando rumo à independência.

Neste percurso, a figura do pai tem papel fundante, pois é ele que apresenta à criança, novas possibilidades de relação e crescimento, auxiliando no rompimento da simbiose inicial entre a mãe e o seu bebê. Todavia, existem algumas situações onde esse rompimento não acontece; o pai, enquanto representante do terceiro, não cumpre a sua função e o estado de simbiose se mantém ilusoriamente na dupla mãe-bebê.

Entretanto, há que se considerar que, quando falamos da relação mãe e filha, estamos em território onde o processo de emancipação psíquica talvez exija um trabalho maior, uma vez que:

Na relação mãe-filha, a fronteira entre o eu e o outro é bem mais delicada e de difícil diferenciação, pois estamos nos domínios do “império do mesmo” (André, 2003), no qual se navega por áreas narcísicas, cuja cilada é a formação de um duplo. Paradoxalmente, contudo, as meninas precisam de suas mães para se diferenciar delas, o que justamente as tornam mais suscetíveis às demandas e insatisfações narcísicas da mãe. (ZANETTI, 2013, p. 178).

Para pensar sobre essa modalidade de relação peculiar, pretendemos articular algumas produções teóricas psicanalíticas com a narrativa do mito de Deméter e Perséfone, conforme o “Hino Homérico 2: A Deméter” (RIBEIRO Jr., 2010) que tomamos como um modelo através do qual pudéssemos pensar na relação entre mãe e filha, que apresentam demasiada dificuldade com o processo de separação. O mito centra-se na descrição do sofrimento da mãe, Deméter, que se vê separada de sua filha Perséfone, com a qual tem uma relação muito próxima, como comenta Brandão (2014, p. 165): “Tanto no mito quanto no culto, Deméter está indissolúvelmente ligada à sua filha *Core*, formando uma dupla quase sempre denominada *As Deusas*” (itálicos do autor).

A partir destes comentários introdutórios, destacamos que o presente estudo tem como objetivo tecer discussões sobre a psicodinâmica nas modalidades de relação entre mãe e filha, onde a separação e diferenciação subjetiva não ocorreu efetivamente, permanecendo a filha enredada nas demandas narcísicas da mãe, que não abdica deste lugar de exclusividade na vida da filha; portanto, não permitindo a entrada do terceiro e a passagem do narcisismo ao complexo de Édipo.

O interesse por esta temática surgiu a partir do contexto da clínica, ao longo do nosso percurso profissional, onde nos deparamos com mães e/ou filhas cuja dinâmica relacional chamaram-nos a atenção: algumas mães sentiam-se destituídas de seu contorno e potência narcísica quando as filhas se separavam e buscavam caminhos diversos, que não as incluíam; em contrapartida, também encontramos filhas, que se sentiam muito culpadas por se separarem da mãe e, em muitas situações, permaneciam paralisadas em seu processo de construção de uma identidade própria.

## FUNÇÃO MATERNA E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA MENINA À MULHER

Quando uma criança nasce, depende dos cuidados de um outro para sobreviver. Assim, a família tem um papel fundamental nos primórdios do desenvolvimento, em especial a figura da mãe, na satisfação das necessidades básicas como alimentação, abrigo e proteção, propiciando um ambiente favorável aos processos em curso no bebê. Para isso, o bebê precisa ser atendido não somente em suas necessidades físicas, sendo fundamental que ele receba investimentos libidinais do ambiente, que exista alguém que esteja identificado com ele e apostando psicologicamente nele (MONDARDO; VALENTINA, 1998). É nessa configuração processual que o desenvolvimento infantil, segundo Winnicott (1983), inicia-se, conforme salientamos anteriormente, na dependência absoluta, passando pela dependência relativa, rumo à independência. Mas é importante ressaltar que essas fases nunca se esgotam completamente, nem são tão lineares como possa parecer, pois, no desenvolvimento, é possível retornar às etapas anteriores por certos períodos de tempo.

Na fase de dependência absoluta, a criança vive a dependência total dos cuidados maternos. Neste período, a mãe pode desenvolver o estado de “preocupação materna primária” (WINNICOTT, 1983, p. 81) em que, durante a gravidez, acontece um recolhimento da mãe de modo que no final deste período, a mesma adquire um estado de sensibilidade aguçado, que se estende até após o nascimento, e dará a base para a identificação da mãe com o bebê, o que é muito importante, pois ele precisa que alguém faça a decodificação do mundo.

Durante essa fase em grande medida, a mãe é o bebê e o bebê é a mãe. Não há nada de místico nisso. Afinal, ela já foi um bebê e tem em si as memórias de já ter sido um bebê; ela também tem memória de ter sido cuidada, e essas memórias ou ajudam ou atrapalham suas experiências como mãe. (WINNICOTT, 2020, p. 20)

O período de dependência absoluta, de acordo com Winnicott (1983), dura do nascimento até aproximadamente o quarto mês de vida, sendo que, a partir disso, o bebê vai lidando gradualmente com as falhas do ambiente, com as ausências mais ou menos demoradas da mãe, ou substituto materno; com isso, dá-se início ao período denominado dependência relativa. Neste período o bebê vai tornar-se progressivamente consciente de sua dependência e passa a perceber a existência da mãe e da realidade externa como fazendo parte do que é não-eu. Neste ponto, destaca-se a criação de uma área intermediária de experiência entre o que é objetivamente percebido e o que é subjetivamente concebido: são os fenômenos transicionais, através dos quais o bebê pode utilizar-se de uma experiência ilusória assegurada por uma maternagem suficientemente boa. Nessa perspectiva, o bebê se utiliza dos objetos transicionais geralmente nos momentos de

solidão ou quando surge a ameaça do humor depressivo para suavizar os efeitos da falha materna. Seguindo esta trajetória, o bebê habilita-se cada vez mais para conquistar uma existência independente das provisões ambientais. (WINNICOTT, 1975)

Ainda falando sobre a importância do investimento libidinal ao bebê, Corso e Corso (2006, p. 157) apontam que:

[...] uma criança só fica na vertical, só se equilibra sobre dois pés tão pequenos, graças a alguém que a olha nos olhos e lhe transmite segurança. Um bebê só terá forças para sustentar o peso da sua cabeça, para ficar sentado sem despencar, para caminhar sem se segurar nos móveis, se lhe for possível ficar literalmente dependurado no olhar da mãe, dos pais ou substitutos. Nossos músculos se desenvolvem naturalmente, mas se negam a funcionar se não tiver ninguém olhando, cuidando, testemunhando.

Percebe-se, a partir das proposições de Winnicott (1983), que o investimento narcísico materno tem grande importância na constituição psíquica do bebê, pois ele se comunica com o ambiente através do seu corpo, por meio de choros, gritos, sorrisos, entre outras expressões corporais, sendo que é por meio do olhar/espelho da mãe oferecendo o contorno para o bebê, através da continência e da segurança que posteriormente farão parte do seu psiquismo.

A partir dessas ponderações, pode-se pensar que o grupo familiar, incluindo pai, mãe, irmãos e outros inter-relacionamentos, são importantes na estruturação do psiquismo da criança. Todavia, a mãe, ou quem exerce a função maternante, se sobressai na construção dos pilares da estruturação narcísica da menina, pois ela precisa do olhar e investimento libidinal da mãe sobre si, ao mesmo tempo que também necessita diferenciar-se dela, sendo que isso pode vir a colocá-la em situações potencialmente vulneráveis às demandas narcísicas da mãe. (ZANETTI, 2013)

## **FUNÇÃO PATERNA: IMPORTÂNCIA NOS PROCESSOS DE SEPARAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO**

Sobre a temática da função paterna, Aberastury e Salas (1984) dão ênfase a tal função, que durante muito tempo ficou colocada à margem na literatura psicanalítica. As autoras acrescentam: “Quando se estrutura o conflito edípico, o pai aparece como o terceiro imprescindível para que o menino [e também a menina] elabore a perda da relação inicial com a mãe” (ABERASTURY; SALAS, 1984, p. 76). Assim,

[...] encontrar o pai não só significará poder separar-se bem da mãe, mas também encontrar uma fonte de identificação masculina, imprescindível tanto para a menina como para o varão, porque a condição bissexual do homem torna necessário o casal “pai e mãe” para que se consiga um desenvolvimento harmônico da personalidade” (ABERASTURY; SALAS, 1984, p. 81).



A função paterna representa a oportunidade do bebê poder conhecer novas relações. O pai representante do limite, da realidade e da lei é aquele que simbolicamente, retira o bebê do colo materno e apresenta novas possibilidades de crescimento. Deste modo, o pai se oferece como modelo de identificação, que antes era restrito à mãe. Entretanto, para tal, é importante que ele seja introduzido nessa dinâmica pela mãe.

Em alguns casos, a mulher-mãe funciona como uma “[...] abelha rainha, que uma vez fecundada mata o zangão que a fecundou.” (NOTO, 2001, p. 324). Ou seja, simbolicamente a mãe “mata” o pai, não permitindo a sua entrada na relação dual mãe-bebê, o que favorece a manutenção da ilusão simbiótica onipotente. Sobre isso, a autora acrescenta que não é possível atribuir essa dinâmica somente a um dos elementos do casal:

Podemos supor que esse pai tão coitadinho, por alguma razão mais profunda excluído de seu funcionamento mental escolheu essa mulher-abelha-rainha para ser sua parceira na concepção de um filho. Uma hipótese que poderíamos levantar como interpretação para a escolha feita por esse pai imaginário seria a de que ele, submetido à sua própria mãe, sente que não tem direitos a ser pai, e que seu filho deva ser entregue à mãe como restituição de algo que, fantasiosamente, roubou dela na infância. (NOTO, 2001, p. 324-325).

Complementando a afirmação acima, é preciso ter em mente a importância de “[...] situar o pai como um dos elementos do campo psicológico familiar, participante e constituinte de uma dinâmica que, por sua vez, é resultante da interação consciente e inconsciente de todos os elementos: pai, mãe e filho.” (NOTO, 2001, p. 318).

Pensando pelo vértice materno, a mãe influenciada por sua história pessoal pode intervir, facilitando, dificultando ou até impedindo o exercício da função paterna. A mãe que tem o pai como algo bom dentro de si (e isso pressupõe boas relações com seus próprios objetos internos), pode viver seu parceiro como um outro que a complementa e que é complementado por ela, podendo assim possibilitar uma presença viva e forte do pai na relação com o filho, desde os primórdios da gestação. O pai é, então, uma presença constante, uma referência básica, inseparável da mãe, já que existe dentro dela. Esse casal parental que consegue funcionar como dupla complementar, que tem uma existência real (não necessariamente concreta, mas como realidade psíquica para ambos) parece-nos ser fundamental para a saúde mental

Com base no exposto acima sobre a função paterna, podemos afirmar que ela é uma função tão importante quanto a materna para a constituição do psiquismo do bebê. Apesar de comumente essa função ser exercida pelo pai, é essencial destacar que ela não é garantida pelo sexo ou gênero. Tal observação é importante tendo em vista as configurações familiares contemporâneas, em que muitas delas contemplam pessoas do mesmo sexo. Desse modo, quando nos reportamos ao pai, estamos nos referindo à função paterna, sendo preciso considerar o que, talvez, lhe seja invariante, independente

da configuração familiar: a função de limite, o que se coloca entre a mãe e o bebê, pois, com a sua presença, já marca a falta, marca que o filho não é tudo para a mãe. Quando o pai/função paterna se coloca como esse terceiro entre a dupla mãe-bebê, inaugura a marca da situação triangular no interior do psiquismo e o rompimento da simbiose inicial, traz à tona a realidade de que, além da mãe, existe ali uma mulher.

## **SIMBIOSE PATOLÓGICA**

Neste ponto, chamamos a atenção para os casos onde não ocorre esse rompimento de forma efetiva e o estado de simbiose mantém-se ilusoriamente entre a mãe e sua prole. Esta condição é denominada por Lisondo (2001) de simbiose patológica. Segundo esta autora:

A simbiose patológica, é testemunha da cumplicidade, do amálgama dos objetos reais – a perturbada função materna e paterna – na alienação do bebê. O filho é atado às concepções inconscientes da mãe, características de um “engolfamento”. O bebê se aninha na cultura e no mito familiar que o recebe. A função paterna está sempre presente nessa peculiar configuração emaranhada, na qual o triângulo não pode vir a se constituir para que um bebê alcance subjetividade. Sem a experiência de diferenciação e a criação de um espaço mental tridimensional, não há lugar para a função paterna, que deve existir bem integrada na mente da mãe para que ela suporte a adesão e a separabilidade. (LISONDO, 2001, p. 168).

Acreditamos que, nesta modalidade de relação, mãe e filho/a vivem em busca do sentimento oceânico, que fora contextualizado por Freud (2010b) como sendo a busca de relações onde o Eu e o mundo externo tem íntima comunhão, não existindo limites, mas sim a eterna participação indiscriminada, uma dependência indiferenciada, onde a autonomia é inconcebível.

O termo simbiose vem da biologia, onde se refere a uma relação mutuamente vantajosa entre dois ou mais organismos vivos, de espécies diferentes. Entretanto, em termos psicológicos, na simbiose, diferente do enfoque biológico, existe prejuízo para ambas as partes envolvidas na relação quando ela é mantida para além do tempo necessário, pois com isso o processo de diferenciação é interrompido e não possibilita a constituição de *selves* separados.

Sobre essa temática, Gomes (1996) investiga as particularidades presentes no vínculo mãe-criança, fazendo uma distinção entre a capacidade de empatia que leva ao crescimento e a capacidade de empatia que leva à estagnação do desenvolvimento. Desse modo, considera que a excessiva empatia da mãe pode não significar crescimento, mas, sim, comprometer o processo de subjetivação, indicando fragilidade do psiquismo materno, onde a mãe precisaria da mente da criança para ser continente de suas emoções, ou seja:

Significa um psiquismo materno ainda em desenvolvimento, que busca a fusão, estabelecendo com a criança um conluio narcísico-simbiótico, na tentativa de evadir à dolorosa experiência de separação. Ambas, mãe e criança, desenvolveriam, como consequência, um estado excessivamente empático, no qual ambas se apossariam ávida e desesperadamente uma da outra, para tamponar uma hemorragia de carência, um vazio na experiência da continência, não evoluindo para o desenvolvimento da individualização. (GOMES, 1996, p. 1117-1118).

Poderíamos pensar então que a simbiose inicial da vida psíquica do ser humano é algo imprescindível, uma vez que a vivência dessa boa e necessária dependência, dessa unidade dual entre mãe e bebê, alicerça o desenvolvimento emocional posterior. Entretanto, conforme Lisondo (2001), a distinção entre a simbiose inicial da vida psíquica e a simbiose patológica é que nesta se mantêm o caráter fusional, que deveria ter sido rompido pela entrada do terceiro, para além do período inicial, destacando-se “[...] a completude sem diferenciação nas relações de parentesco: a mãe primitiva e infantil não elaborou a própria simbiose.” (p. 169).

Essas considerações a respeito da simbiose patológica, forma particular de vinculação que se estabelece entre a mãe e bebê, sob a influência de múltiplos determinantes, incluindo a não presença efetiva do pai que não consegue exercer a função de romper a díade e formar a triangulação, permitem ampliar a compreensão sobre os casos que encontramos na clínica, onde existem dificuldades com relação à separação e à diferenciação na dupla mãe-bebê.

Há muito sabemos, pelos escritos winnicottianos, que a integração corporal de uma criança se dá a partir do olhar da mãe. Sobre isso, Zalcberg (2019) nos explica:

[...] é nos olhos da mãe que o bebê vê seu corpo como visto por ela: como um todo. Essa imagem constituída é a matriz do seu eu, a primeira forma assumida pelo seu eu. É como se o bebê pensasse: “tenho um corpo porque ele existe no olhar de minha mãe.” [...] a menina precisa de mais uma fase nesse processo formativo do eu. Não só pede que a mãe veja seu corpo, mas que o veja e reconheça como um corpo feminino: “o corpo que vejo no olhar de minha mãe é o de uma menina”. Com esta imagem legitimada pela mãe, a menina adquire uma matriz não só de seu “eu”, mas de seu “eu feminino”. A resposta materna à demanda da menina de aceitação de seu corpo depende de ela ter resolvido as questões com o próprio corpo e com o sentimento de feminilidade a ele associado. Em função da forma como se deu esta resolução subjetiva, a mãe pode olhar e ver ou não ver o corpo da filha como tal. (ZALCBERG, 2019, p. 15).

Zalcberg (2003) indica que a separação e emancipação psíquica da menina de sua mãe e o conseqüente percurso em direção à feminilidade, tem caminhos talvez mais complexos que o do menino, pois a semelhança entre os corpos da mãe e da filha pode propiciar uma dependência mútua e uma indistinção que as aprisionam. Já no caso do

menino, a diferença anatômica entre a mãe e o seu filho, de alguma maneira, assegura uma distinção, talvez porque “A mãe reserva ao filho as expectativas de que ele realize suas aspirações narcísicas, pelo valor fálico que ele pode lhe trazer.” (ZALCBERG, 2003, p. 168).

A clínica nos mostra que os filhos também podem ser enredados nas demandas narcísicas das mães, uma vez que a distinção anatômica pode ser olhada, porém não vista, não reconhecida como tal. Além disso, o filho também pode ser tomado como objeto de complemento fálico na relação com a mãe. Entretanto, o foco do presente trabalho se centra na relação entre mãe e filha.

## HISTÓRIAS DE CAPTURA

Uma outra autora que escreve sobre essas questões relativas as dificuldades que encontra uma filha de separar-se do duplo com a mãe e constituir-se como uma, é a psicanalista Ana Cláudia Santos Meira, em seu livro: *Histórias de captura – investimentos mortíferos nas relações mãe e filha* (MEIRA, 2021). Nele, a autora discorre sobre esse tortuoso caminho que percorre uma menina para separar-se de sua mãe e apropriar-se de seu contorno e identidade feminina.

O caminho teórico eleito por Meira (2021) encontra fundamentação na teoria freudiana, partindo do narcisismo e caminhando em direção às tramas edípicas, com a entrada do terceiro e a construção do si mesmo, utilizando ainda de outros autores que permitem ampliar a compreensão sobre a temática do ponto de vista da filha, assim como sobre o ponto de vista da mãe fálica que não abre espaço para a separação. Pontua que “[...] apropriar-se de si é tarefa para todos, e não é fácil para ninguém. Saber quanto somos habitados por um outro, muitos outros, e o quanto sobrou de espaço livre para sermos habitados por nós mesmo, é tarefa essencial.” (MEIRA, 2021, p. 22).

Ao longo de sua obra, Meira (2021) explora a qualidade de investimento pulsional das mães dirigidas as filhas, que ela nomeia de: *histórias de captura*. Esta relação peculiar, é marcada por

[...] mães que afirmam serem únicas para suas filhas, não tolerando um desejo de singularização e despedida da sua condição fundante, não suportando o desfazer-se da mítica em torno do duplo vivido como idêntico, da irrealidade da união idílica, da inexistência de uma relação perfeita. (MEIRA, 2021, p. 16).

Nessa modalidade de vinculação, a filha é capturada pelo psiquismo materno, não podendo nascer psiquicamente como um ser separado, vive uma espécie de cárcere psíquico e paga com a sua alteridade. Conforme Meira (2021, p. 27), “Nas histórias de captura, uma filha é feita cativa de uma mãe que não reconhece a diferença de gerações

nem a castração e constitui com sua filha um circuito fechado”.

No texto “Introdução ao narcisismo”, Freud (2010a) pondera que o amor dos pais pelos filhos num primeiro tempo é narcísico, pois os amam pelo estado de ‘perfeição’ que eles podem restituir-lhes:

Ela (a criança) deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe. No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que, na sua transformação em amor objetal, revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora.” (FREUD, 2010a, p. 37)

Entretanto, esse amor narcísico, que promove a ilusão de completude e perfeição, tão necessária nesses primeiros tempos, precisa ir dando lugar ao amor objetal e isso demanda árduo trabalho psíquico. Como afirma Meira (2021, p. 71), “O desenvolvimento do eu seguirá a partir do afastamento do narcisismo primário, provocado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do Eu imposto de fora, por um terceiro.” Dessa maneira, o investimento materno narcísico, por força da interdição da realidade do tempo e do espaço, transforma-se em objetal a medida que ela reconhece o bebê como alguém separado, um outro. Isso seria o esperado, que houvesse espaço para a entrada do terceiro, que marcaria essa passagem para a triangulação edípica, onde os investimentos seguiriam rotas distintas. Assim, conforme Meira (2021, p. 81), “A mãe, enquanto mulher, marca para o filho um lugar em posição terceira. Anuncia o pai.”

Sobre o processo da entrada do pai, Julien (2000, apud MEIRA, 2021, p. 81), comenta que:

essa perda da origem, este des-prendimento, este deixar-se, este *Gelassenheit* só é possível graças a pais que, em razão de sua conjugalidade (única e múltipla), puderam compreender que ‘pôr no mundo’ é saber retirar-se, da mesma forma que o mar cria o litoral: retirando-se.

Quanto a essa referência ao mar, Meira (2021) afirma ser uma “Metáfora plena de beleza e de sentido: um tanto praia, um tanto mar, um tanto litoral, por vezes todos, por vezes cada um. (p. 81). Todavia, o que se observa nas relações que Meira (2021) denomina *histórias de captura*, é a não entrada deste terceiro, não há o abandono do amor narcísico, que permanece, obturando as possibilidades de ascensão da filha como um ser separado.

O investimento narcísico da mãe que tem e mantém sua filha na condição de *sua*, inteiramente *sua*, (in) condicionalmente *sua*, para sua própria *satisfação ilimitada* não sexual, mas narcísica, para que ela siga reafirmando a completude que a mãe fálica tem que sustentar em si. (MEIRA, 2021, p. 106, itálicos da autora)

A respeito dessa temática sobre a separação, Corso e Corso (2006) constataam que os filhos, colocados pelos pais no lugar de permanecer à imagem e semelhança do ideal de perfeição, geralmente pagam um alto preço por isso,

[...] o preço de sua própria vida ou do equilíbrio mental para ocupar um lugar na estante de troféus dos pais. Para esse tipo de filho, será necessário tornar-se deficiente para o mundo externo, sendo incapaz para o sexo ou amor (de forma a nunca substituí-los); ou inviável para certas ousadias e transgressões necessárias para se independizar (assim nunca os abandonará). É paradoxal, mas o filho idealizado termina por ser de certa forma deficiente: é aquele que nunca cresce. (CORSO; CORSO, 2006, p. 147)

Um elemento comum das considerações de Lisondo (2001) sobre a simbiose patológica e de Meira (2021) sobre as histórias de captura, é a ausência da entrada do terceiro nessas modalidades de relação. O pai aparece como frágil, ou inexistente, o que mantém o estado indiscriminado entre a dupla mãe-criança, mãe-filho/a. De acordo com Meira (2021, p. 28), “[...] a própria palavra ‘dupla’ é interessante e representa bem a complexidade deste fenômeno, pois ela indica ao mesmo tempo, a existência de duas pessoas (que formam essa dupla), mas a palavra é uma só: é uma dupla, singular”.

Esse é um dos pontos que será ampliado no próximo item, pois liga a temática abordada acima ao mito de Deméter e Perséfone, pois como já foi dito na introdução, estas deusas gregas sempre estiveram indissoluvelmente ligadas, “[...] formando uma dupla quase sempre denominada *As Deusas*” (BRANDÃO, 2014, p. 165, *itálicos do autor*).

## **DEMÉTER E PERSÉFONE – HISTÓRIA DE CAPTURA E/OU LIBERTAÇÃO?**

De acordo com Ribeiro Jr. (2010) e Brandão (2014), Perséfone, filha de Zeus e Deméter (deusa da fertilidade, dos grãos e das colheitas, da agricultura), crescia tranquilamente entre as ninfas, acompanhada de sua mãe. Até que um dia seu tio Hades, também denominado Plutão, com a ajuda de Zeus, raptou-a para o mundo inferior. Perséfone colhia flores e foi atraída por um lindo narciso colocado por Zeus, à beira de um abismo. Assim que se aproximou da flor, a terra se abriu e Hades apareceu, conduzindo-a para ao seu reino subterrâneo. A jovem deusa gritou enquanto estava sendo capturada e a mãe a escutou; porém, não viu a filha e tampouco percebeu o que havia acontecido. Entretanto, quando deu falta de Perséfone, Deméter inicia sua busca dolorosa, percorrendo o mundo todo com um archote aceso em cada uma das mãos. Não comeu, não bebeu e não se banhou durante nove dias, até que Hélio, o deus-sol, que tudo vê, contou-lhe a verdade. Deméter, em fúria, decide não voltar mais ao Olimpo, abdica das funções divinas até que sua filha lhe fosse devolvida.

Ao separar-se da filha, Deméter sofre uma perda incomensurável, pois é atravessada por duas dimensões próprias da condição humana: a passagem inevitável do tempo, já que

envelhece; e também a incompletude, pois vive a busca dolorosa e vital pelo outro. Do nosso ponto de vista, também merece destaque a atração de Perséfone pela flor narciso, que nos leva a conjecturar essa atração como uma certa percepção da filha pelo belo, enquanto algo para além das fronteiras do desejo da mãe, podendo ser representante da incipiente expressão de seu próprio desejo.

A deusa mãe tomou o aspecto de uma velha e foi para Elêusis, onde foi convidada a cuidar de Demefonte, filho recém-nascido da rainha Metanira. Enquanto cuidava do menino, Deméter queria transformá-lo num deus. Então não lhe dava leite, esfregava-o com ambrosia e o escondia durante a noite no fogo. Assim, a cada dia Demefonte tornava-se mais belo e parecido com um deus. Contudo, a mãe do menino, Metanira, uma noite vê seu filho em chamas e grita desesperadamente, fazendo com que Deméter interrompa o rito e apareça em sua verdadeira face, como deusa. Deméter comunica a Metanira que, em função da interrupção do ritual, Demefonte nunca passaria de um mortal comum.

Antes de sair do palácio, Deméter solicitou que lhe fosse erguido um templo, onde ela ensinaria seus ritos aos humanos. Construído o santuário, a deusa recolheu-se ao seu interior e, devastada pela tristeza que sentia pela falta da filha, as sementes não brotavam, a infertilidade cobriu a terra, trazendo grande prejuízo. Diante disso, Zeus pede que ela regresse ao Olimpo.

A deusa respondeu com firmeza que não voltaria ao convívio dos imortais e nem tampouco permitiria que a vegetação crescesse, enquanto não lhe entregassem a filha. Como a ordem do mundo estivesse em perigo, Zeus pediu a Plutão que devolvesse Perséfone. O rei dos infernos curvou-se à vontade soberana do irmão, mas habilmente fez que a esposa colocasse na boca uma semente de romã e obrigou-a a engoli-la, o que a impedia de deixar a outra vida. Finalmente, chegou-se a um consenso: Perséfone passaria quatro meses com o esposo e oito com a mãe. Reencontrada a filha, Deméter retornou ao Olimpo e a terra cobriu-se, instantaneamente, de verde. (BRANDÃO, 2014, p. 165-166).

No mito de Deméter e Perséfone, a descrição parece referir a um tempo onde a filha já se mostrava crescida e não mais uma criança, pois já despertava o interesse do tio em desposá-la. Contudo, podemos tomar a proximidade entre a deusa mãe e a deusa filha como um modelo para pensar o tema que no presente trabalho vimos discutindo. Nessa perspectiva, é possível ponderarmos que, apesar de já apresentar atributos de uma mulher, talvez emocionalmente Perséfone mantivesse com sua mãe traços semelhantes à simbiose inicial, numa ilusão idílica da dupla (As deusas) e pela não entrada do terceiro, que só acontece pela imposição deste, através do estratagema da semente de romã.

Na narrativa mítica, a perspectiva de Perséfone não é explorada, aparecendo dela somente um grito enquanto é sequestrada. Tendo em vista as argumentações que vimos desenvolvendo, esse grito pode nos levar a questionar se seria um grito de dor ante a

separação de sua mãe, ou um grito que marca sua libertação, seu “parto” enquanto um ser separado da mãe. Se pensarmos sobre a perspectiva das histórias de captura de Meira (2021), talvez o grito de Perséfone pudesse indicar uma reação diante da surpresa do fato inesperado, que a coloca frente ao novo, ao desconhecido, que irrompe e provoca uma ruptura, como que indicando uma transição à libertação do cativo do desejo da própria mãe.

Levantamos essas questões pensando no processo de separação da filha em relação à mãe, marcado na vivência da adolescência, com a emergência sexualidade genital, que pode estar representada de maneira metafórica, no mito, pela romã, ingerida por Perséfone, que a impediria de abandonar a vida no mundo inferior. Do ponto de vista mítico, portanto simbólico, ingerir a semente de romã inaugura para Perséfone uma nova condição, a de esposa de Hades, rainha do mundo inferior, impedindo-a de retomar a condição anterior, como virgem e somente filha de Deméter, o que indica uma conjunção sexual, instaurando um rompimento nos laços tão estreitos com a mãe (BIDAUD, 1998; KULISH; HOLSTZMAN, 1998; RIBEIRO, 2009).

Além disso, é preciso considerar que foi a partir da intervenção de seu pai, Zeus, que Perséfone saiu dos espaços dominados pela mãe, Deméter. Zeus é quem coloca a flor de narciso à beira de um abismo, que marca o limite radical entre um mundo e outro. É possível pensar, então, que o abismo demarcaria a divisa entre o mundo da mãe e o mundo da alteridade. O que reforça a importância da participação paterna nesse processo de separação entre a filha e sua mãe, pois é com isso que se processa a ruptura da simbiose existente até então, a partir do que a dupla deixa de ser *as deusas*, uma unidade, e se tornam Deméter e Perséfone, cada qual com sua própria existência.

Nessa outra dimensão, Perséfone supostamente viveria a conjugalidade e a expressão da feminilidade com Hades. Esse aspecto foi pouco explorado no mito, pelo menos até onde conhecemos, pois não encontramos relatos de como Perséfone ficou após ter sido separada de sua mãe, o que pode sugerir a marca de fato dessa inexistência como uma pessoa separada. Pelo relato que conhecemos, nessa dupla, quem sobressai-se é a mãe, é o sofrimento dela que é expresso ao longo da narrativa, a partir do momento em que é privada do contato com sua filha, que até então parecia garantir a manutenção de seu narcisismo, segundo a perspectiva que vimos construindo até aqui. Se a filha constitui uma via de reconstrução do narcisismo materno e atenuação do desamparo, a mãe pode ter de volta a onipotência perdida. Isso nos primórdios do desenvolvimento tem uma função importante, pois sentir-se amparado e amado sem medidas, constitui-se importante ingrediente do narcisismo primário, que embasa as edificações do autocuidado e também da autoestima.



Contudo, caso a mãe não possa encontrar outras vias por onde possa reconstituir e assegurar seu narcisismo, dificilmente vai abrir mão de sua prole, o que pode trazer prejuízos importantes para a filha, pois

[...] a criança ficará, assim, presa a uma dupla condição de desamparo e onipotência: desamparo porque seu crescimento significa a derrocada narcísica da mãe, e onipotência porque seguirá ocupando o trono de “sua Majestade, o bebê”, ignorando os próprios limites e, assim, com dificuldades para reconhecer a si mesma e ao outro. (LARA, 2011. p. 12).

A narrativa circula em torno do sofrimento de Deméter, que sucumbe diante da separação e da ausência da filha, como nessa passagem do mito: “Dor aguda tomou-lhe o coração. Com as mãos, arrancou a mantilha dos cabelos imortais, lançou escuro véu sobre os ombros, e atirou-se, como um pássaro, sobre o sólido e sobre o líquido, procurando a filha” (RIBEIRO Jr, 2010, p. 230).

Vivenciando tamanha dor, a deusa mãe faz a tentativa de imortalizar Demofonte e, sobre isso, Brandão (2014) comenta que: “[...] pode-se interpretar a decisão de Deméter de imortalizá-lo como o desejo de ‘adotar’ um filho (que a consolaria da perda de Perséfone) e, ao mesmo tempo, como uma vingança contra Zeus e os Olímpicos” (p. 166). Todavia, também podemos pensar nessa tentativa de imortalização, como uma possível restituição de seu aspecto narcísico, garantido até então por Perséfone. Mas diante desse fracasso, Deméter mergulha em profundo sofrimento e saudade de sua filha, que se expressa, por exemplo, através da grande infertilidade que se abateu sobre toda a terra, não voltando ao Olimpo, mesmo com o apelo de Zeus; e ainda ameaçou não permitir que a vegetação voltasse a crescer se Perséfone não fosse devolvida.

Diante dessa ameaça e ponderando as consequências disso, Zeus media o retorno da filha a sua mãe. Entretanto, embora a deusa filha volte, nada será como antes, em função do estratagema utilizado por Hades, sendo necessário um acordo de que Perséfone passaria oito meses com sua mãe e quatro com o esposo. Esse acordo marca as estações do ano, sendo que os quatro meses da mãe separada de sua filha referem-se aos meses de inverno, onde a terra fica infértil, a mãe “seca” enquanto a filha vive sua vida conjugal, sua vida separada.

Na narrativa, apesar do acordo, elas ainda se mantêm muito ligadas. A posição de Deméter, conforme narra o mito, leva-nos a conjecturar a possibilidade de que ela expressaria algo equivalente a não encontrar outras vias de garantir sua vitalidade com a separação de sua filha. Quanto a Perséfone, não se sabe, pois fica uma incógnita por não haver relatos sobre isso. Mas podemos supor que, talvez, esses quatro meses em que se encontra separada de sua mãe, podem marcar a libertação da captura dos domínios da mãe. Ou talvez, mesmo que não seja a plena libertação, possa significar um processo

de consolidação da ruptura e construção da autonomia em relação à mãe, até que seja efetivamente um tempo para ser si mesma.

Perséfone não tem voz nessa história mítica, só grito, após o que transforma-se abruptamente de filha em esposa, parece não participar das decisões de sua vida, denotando uma alienação de si mesma, a que associamos à figura de um fantoche, que ganha vida e conta histórias somente a partir do desejo do outro. O que nos faz pensar na clínica, nos processos analíticos onde as pacientes, assim como a deusa filha, chegam sem voz, sem vida própria e conseguem progressivamente se apropriar de suas vozes, de seus desejos, de suas existências singulares.

A partida de Perséfone para o mundo inferior pode ser tomada como um marco, um “parto”, rumo à alteridade e encontro com a feminilidade, o que nos faz lembrar do poema de Clarice Lispector (1998), que diz: “E com uma alegria tão profunda. É uma tal aleluia. Aleluia, grito eu, aleluia que se funde com o mais escuro uivo humano da dor de separação, mas é grito de felicidade diabólica. Porque ninguém me prende mais...” (p. 9).

Entretanto, nos casos que geralmente chegam na clínica, onde há essa marca da indiferenciação entre a mãe e a filha, esse “parto subjetivo”, essa saída da filha do cativo em que é capturada pelo narcisismo da mãe, quando ocorre, leva muito tempo, e geralmente vem acompanhado de muita culpa, insegurança e medo. Contudo, o processo analítico pode viabilizar possibilidades de transformação e emancipação subjetiva e, como bem disse Meira (2021, p. 87), “muitas vezes, seremos nós, analistas, o primeiro objeto estrangeiro a ingressar no apertado espaço da dualidade, onde mal cabem dois”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos algumas considerações a respeito do desenvolvimento emocional do bebê e da função materna, destacando a sua construção na e pela relação. Também discutimos aspectos relacionados à função paterna, assim como explanações sobre a simbiose patológica e as histórias de captura, com foco nas relações mãe e filha. Enfatizamos que, nesse processo de construção de uma identidade própria, de um percurso singular por parte da filha, a figura do pai (função paterna) tem papel fundante, já que é ele quem apresenta à criança, novas possibilidades de relação e crescimento, auxiliando no rompimento da simbiose inicial entre a mãe e o bebê. Todavia, existem algumas situações onde esse rompimento não acontece. O pai, enquanto representante do terceiro, não entra e o estado de simbiose se mantém ilusoriamente na dupla mãe-bebê. Nesses casos, a separação e a diferenciação subjetiva não ocorreu efetivamente e a menina/mulher permanece atrelada às expectativas e demandas narcísicas da mãe, que não consegue abrir mão desse lugar de exclusividade, não reconhece a castração e não permite a entrada

do terceiro que poderia lembrá-la que, além de mãe, ela também é mulher.

A partir dessas considerações psicanalíticas, fizemos algumas articulações com a narrativa do mito de Deméter e Perséfone, que tomamos como um modelo para pensar a relação entre mãe e filha marcada por demasiada dificuldade no processo de separação. Essa narrativa mítica se centra na descrição do sofrimento da mãe, Deméter, que se vê separada de sua filha, Perséfone, com a qual tem uma relação muito próxima, mas não é tratada a perspectiva da filha. Dela, aparece somente um grito, enquanto é sequestrada por Hades. O que levou-nos a questionar se seria um grito de dor ante à separação de sua mãe, ou uma marca de sua libertação, de seu parto subjetivo, enquanto um ser separado da mãe. Se pensarmos sobre a perspectiva das histórias de captura, talvez o grito de Perséfone pudesse indicar essa libertação do cativo do território dos desejos da própria mãe.

A partir dessas ponderações, podemos pensar que muitas vezes é no processo analítico que se criam as condições inaugurais para que os gritos de independência e não mais tão somente a morte da alteridade possa advir. É paradoxal pensar que, para nascer um ser separado, uma filha, uma mulher, uma outra pessoa, a mãe precise tolerar deixar perder, morrer um tanto de seu narcisismo, diminuindo o seu tamanho, de certa maneira, para que a filha possa crescer. Permanecer por tempo indeterminado nesse lugar tão importante na vida da filha, pode impedi-la de encontrar o seu próprio contorno e a sua identidade feminina, ficando a filha capturada nas tramas do desejo materno e tendo como consequência a morte da alteridade.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; SALAS, E. *A paternidade*. Tradução: Maria Netrovsky Folberg. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BIDAUD, E. *Anorexia mental, ascese, mística: uma abordagem psicanalítica*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 1998.

BRANDÃO, J. S. *Dicionário mítico-etimológico*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CORSO, D. L.; CORSO, M. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. *Introdução ao narcisismo*. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Vol. 12, p.14-50.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Vol. 18, p. 14-122.

GOMES, M. C. A. P. Os filhos de Jocasta: uma abordagem psicanalítica sobre a sexualidade feminina. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 1115-1146, 1996.

KULISH, N.; HOLTZMAN, D. Persephone, the loss of virginity and the female oedipal complex. *The International Journal of Psycho-analysis*, London, v. 79, n. 1, p. 57-71, 1998.

LARA, L. M. A castração materna e as possibilidades de subjetivação feminina: o mito de Deméter. *Práxis – Revista do ICHLA*, Novo Hamburgo, v. 2, n. 0, p. 9-14, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.1515> Acesso em: 15 mar. 2022

LISONDO, A. B. D. Na simbiose patológica, uma concha autística para dois. Na *Psicanálise*, nasce o ser e a linguagem. In: GRAÑA, R. B.; PIVA, A. B. S. (Orgs.). *A atualidade da psicanálise de crianças: perspectivas para um novo século*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 165-180.

LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MEIRA, A. C. S. *Histórias de captura: investimentos mortíferos nas relações mãe e filha*. São Paulo: Blucher, 2021.

MONDARDO, A. H.; VALENTINA, D. D. Psicoterapia Infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 11, n. 3 esp., p. 621-630, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300018> Acesso em: 17 maio 2022.

NOTO, I. S. B. S. Mater certa, pater incertus: sobre a possibilidade de exercer a função paterna. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 317-333, 2001.

RIBEIRO, M. F. R. *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15873> Acesso em: 02 jun. 2022.

RIBEIRO Jr., W. A. (Ed. e Org.). Hino homérico 2: A Deméter. In: RIBEIRO Jr., W. A. *Hinos homéricos: tradução, notas e estudos*. Tradução: M. L. G. Massi. São Paulo: UNESP, 2010. p. 227-267.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. *Bebês e suas mães*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: UBU, 2020.

ZALCKBERG, M. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ZALCKBERG, M. *De menina a mulher: cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2019.

ZANETTI, S. A. S. Resenha de M. Ribeiro. (2011). "De mãe em filha: a transmissão da feminilidade". São Paulo: Escuta. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 177-180, 2013.

ZIMERMAN, D. E. *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**A**

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

**B**

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

**C**

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28

- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisiaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97



- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158  
Esfinge 82, 138, 139  
Espelho psíquico 56  
Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188  
Estado mental 4, 100  
Estados-limites 180  
Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63  
Estruturação do sujeito 109  
Etéocles 110  
Ética da clínica psicanalítica 23  
Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124  
Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186  
Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186  
Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203  
Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203  
Experiência cinematográfica 91  
Experiência de contato emocional 3  
Experiência emocional 3, 5  
Expressões míticas contemporâneas 89  
Êxtase 24, 174, 175, 180, 181  
Êxtase báquico 175

**F**

Falhas do ambiente 33  
Fedra 75  
Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152  
Fenômenos transicionais 33  
Figura materna 97, 98, 101  
Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203  
Fim trágico 92, 102, 103  
Formação do Eu 50  
Formação reativa 187, 199  
Fórmulas da sexualização 150, 151  
Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185  
Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69  
 Função do analista 156  
 Função do psicanalista 167  
 Função materna 33, 36, 44, 98, 151  
 Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95  
 Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196  
 Fundamento da clínica 158  
 Fundamentos da psicanálise 12  
 Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

**G**

Glauce 146, 189  
 Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

**H**

Hades 40, 42, 43, 45  
 Hécate 67, 73  
 Helena 69  
 Hélio 40, 67  
 Hemon 112  
 Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193  
 Hércules 69, 70, 83, 105  
 Hermes 68, 77  
 Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193  
 Hesíodo 5, 8, 60, 63  
 Hipólito 75, 84, 153  
 Histórias de captura 38, 46  
 Homem contemporâneo 19, 20  
 Homem psicanalítico 102  
 Homem trágico 103, 173  
 Homero 25  
 Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201  
 Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196  
 Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

**I**

- Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169
- Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106
- Imagem especular 49, 53, 55, 59
- Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63
- Imobilidade mental 3, 4
- Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203
- Independência 32, 33, 45, 115
- Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195
- Ino 174
- Inominável do gozo 117
- Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183
- Investimento libidinal 34, 52
- Investimento narcísico materno 34
- Investimento pulsional 38
- Ismene 110, 112

**J**

- Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199
- Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139
- John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

**L**

- Labdácidas 114
- Laço social 111
- Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141
- Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188
- Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61
- Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

**M**

Mãe odiosa 145, 147

Mãe suficientemente boa 98

Mal-estar contemporâneo 12, 22

Mal-estar pós-moderno 13

Maternagem suficientemente boa 33

Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152

Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Mênades 174, 177

Mérope 128, 129, 130, 138

Metamorfose 49

Metanira 41

Metapsicologia 21, 24, 61, 144

Método psicanalítico 174

Metonímia do desejo de falo 150

Mídias contemporâneas 89, 90

Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204

Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122

Mitologia contemporânea 90

Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206

Moções pulsionais 184, 196, 200

Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194

Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

**N**

Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170

Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Narrativas mitológicas 89, 105

Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

## O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

## P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

## R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

## S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sufrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198



Sufrimento humano 2  
 Sofrimento psíquico 12, 13, 18, 22  
 Subjetivação da morte 110  
 Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206  
 Sublimação 23, 108, 110, 111, 122  
 Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150  
 Sujeito psicanalítico 103

## T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181  
 Témis 73  
 Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201  
 Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141  
 Tempo mítico 109  
 Tendência transgressiva 96  
 Teoria das pulsões 21, 109, 178  
 Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206  
 Tese falo-filho 150  
 Testamento 115, 116, 117, 165  
 Thanatos 7, 25, 27  
 Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197  
 Tírésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181  
 Tragédia da vida 23, 24  
 Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203  
 Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184  
 Triangulação edípica 39

## U

Ulisses 67, 77

**V**

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36


Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201


Vinho 54, 174, 180, 181, 182


Violência psíquica 3


**Z**

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)


# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

  
Ano 2023



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

  
Ano 2023

